

BIBLIOTECAS ESCOLARES: UM ESPAÇO CONTRADITÓRIO**SCHOOL LIBRARIES: A CONTRADITORY SPACE**Flomar Ambrosina Oliveira Chagas¹

Resumo: O tema desta pesquisa é biblioteca escolar, cujo objetivo foi verificar se bibliotecas escolares de uma cidade de Goiás, região central do Brasil, atendiam a Lei nº 12. 244/2010 e as diretrizes da Unesco/Ifla referente ao acervo, à organização, ao pessoal para atendimento da comunidade estudantil. Quanto à metodologia, tratou-se de uma pesquisa qualitativa, os instrumentos de coleta de dados, neste estudo de caso, foram observação, entrevistas e registros fotográficos. Os resultados apontaram que as bibliotecas analisadas ainda continuam como as de décadas anteriores. Concluiu-se que há falta de políticas públicas e urge discutir a temática nos cursos de formação docente e a necessidade de cursos de atualização para as pessoas que trabalham neste espaço que envolve razão e emoção.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem; Biblioteca Escolar; Razão; Emoção.

Abstract: The theme of this research is school library, whose objective was to verify if school libraries of a city of Goiás, central region of Brazil, met Law nº 12. 244/2010 and the Unesco / Ifla guidelines on regarding the collection, the organization, the personnel to attend the student community. As for the methodology, it was a qualitative research, and the instruments of data collection, in this case study, were observation, interviews and photographic records. The results pointed out that the libraries analyzed still continue as those of previous decades. It was concluded that there is a lack of public policies and it is urgent to discuss the theme in teacher training courses and the need for refresher courses for people working in this space that involves reason and emotion.

Keywords: Teaching-learning; School Library; Reason; Emotion.

1 Introdução

A biblioteca escolar é uma instituição eminentemente educativa e cultural. Ela é a representação do conhecimento científico, literário, artístico, histórico da humanidade e tem como principal meta estimular a leitura (CHAGAS, 2016). A leitura é para Castrillón (2011), um direito histórico, cultural e político situado no contexto em que ocorre. Em nosso país, não há cultura de uso de biblioteca, tanto que a maioria delas não dispõe de lugar próprio. É um espaço essencial do processo de aprendizagem, mas vive em estado praticamente invisível, contraditório, pouco valorizada, esquecida, vista como um lugar de depósito de livros, ao ponto de os discentes experienciarem às tecnologias digitais sem ter passado pela vivência de bibliotecas o que implica negativamente no seu papel de formar leitoras e leitores.

¹Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO). Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), Jataí, Goiás, Brasil. E-mail: flomarchagas@gmail.com

Ao analisar artigos dos principais periódicos da área de Biblioteconomia, Silva (2003) constatou que a biblioteca escolar é um tema esquecido. Este autor afirma que é rara a discussão desta temática em eventos acadêmicos, além de ser a biblioteca escolar um assunto inexplorado pelos militantes na educação (CHAGAS, 2010). Conforme levantamento de 788 teses e de dissertações defendidas na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo/USP, num período de três décadas, de 1967 a 1998, apenas dois trabalhos sobre biblioteca escolar foram encontrados, num total de (0,25%) (FEITOSA, 2008).

Outro estudo sobre a mesma temática realizado por Neves (2000), entre 1975 a 1998, de 556 dissertações e teses defendidas em cursos de mestrado e de doutorado no Curso de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Documentação, apenas quatorze (2,50%) delas é sobre biblioteca escolar. Campello *et al* (2013) realizaram estudo da arte sobre biblioteca escolar, num período de aproximados de quarenta anos, entre 1975 a 2011, e concluíram que biblioteca escolar ainda é insipiente nas pesquisas da pós-graduação, confirmando-se a “exigüidade da produção científica da área de biblioteca escolar no Brasil” (CAMPELLO *et al.*, 2007, p. 235).

Apesar de ser o lugar onde se encontram muitas ferramentas e materiais essenciais para o trabalho escolar, que proporciona abertura de horizontes, a biblioteca é ignorada como assunto digno de reflexão, de estudo, (ECO, 1994). Daí, a relevância desta pesquisa. Espera-se mudar esta realidade a partir da Lei 12.244 de 24 de maio de 2010 (BRASIL, 2010) que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Ainda, esta lei determina que toda escola deva ter um acervo de livros nas bibliotecas, de pelo menos um título por aluno matriculado.

Então, vale perguntar: Quais as inovações ocorridas nas bibliotecas escolares após esta lei? Conforme diretrizes da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Instituições (Ifla) para Biblioteca Escolar (UNESCO/IFLA, 2005), a biblioteca escolar é parte integral do processo educativo, e a responsabilidade sobre ela cabe às autoridades locais, regionais e nacionais, portanto deve ser apoiada por política e legislação específicas.

De acordo com estas diretrizes, uma biblioteca escolar satisfatória precisa atender, principalmente a quatro eixos, sendo: recursos, pessoal, programas e atividades e promoção. Quanto aos recursos diz sobre orçamento, localização e espaço, móveis e equipamentos (audiovisual, coleção de materiais, recursos eletrônicos). Para desenvolver

o hábito e o prazer da leitura das crianças e dos jovens, deve-se contar com fundos apropriados, “o orçamento para materiais da biblioteca escolar deve ser de pelo menos 5% do valor gasto por aluno no sistema escolar” (UNESCO/IFLA, 2005,p.7).Assim, uma biblioteca escolar administrada de forma que atenda satisfatoriamente a comunidade estudantil, deve ter seu próprio orçamento, instalações físicas adequadas, contar com recursos, organização, equipe da biblioteca e promoção de atividades.

A relevância da função pedagógica da biblioteca reflete-se nas instalações, nos móveis e nos equipamentos. Para Chagas (2016, p.673), o local deve ser central, no andar térreo, apropriado para atender às pessoas com deficiências, com iluminação e com temperatura adequadas, espaço para abrigar coleções de livros, jornais, revistas e fontes não-impressas; com computador; balcão de atendimento ao usuário; espaço flexível para realização de múltiplas atividades; com áreas de estudo; de leitura, e de atividades administrativas. Também é importante a disposição dos móveis e a variedade de equipamentos.

Conforme as diretrizes da Unesco/Ifla (2005) a aparência estética promove acolhimento, incentivo para maior permanência na biblioteca, um ambiente esteticamente agradável, cultural e estimulador, com orientação clara e atrativa, proporciona ambientação de lazer e de aprendizagem para os usuários. Constam das diretrizes que “uma escola de menor porte deve ter pelo menos 2.500 itens relevantes e atualizados, para proporcionar um acervo amplo e equilibrado a usuários de todas as idades” (UNESCO/IFLA, 2005, p.11).

Sobre a formação ética e a formação estética, Paulo Freire (2011, p. 36) escreve que para ambas "decência e boniteza de mãos dadas, a nossa obra enfeia ou embeleza o mundo, daí a impossibilidade de nos exirmos da ética. Se se faz o mundo a partir da nossa liberdade, então, a escola não pode desprezar a dimensão estética, a educação da sensibilidade". Ainda, é importante prover o acesso aos equipamentos eletrônicos, audiovisuais e computacionais necessários.

Outro eixo importante é o de pessoal. É imprescindível que o bibliotecário seja dinâmico que envolva os demais membros da comunidade escolar e promova contatos com a biblioteca pública, com museus dentre outros. Para a Unesco/Ifla (2005), o bibliotecário escolar é o principal responsável pelos programas de educação de usuários como organizar campanhas de leitura, de promoção da literatura, organizar reuniões sobre livros e também a hora do conto para as crianças em conjunto com professores, realizar programas de leitura e eventos culturais, integrar tecnologia de informação, além das

atividades de catalogar e de classificar materiais da biblioteca. Envolver os pais na escola como voluntários para auxiliar nas tarefas práticas e tomar parte nos colóquios literários junto com os filhos.

De acordo com a Unesco/Ifla (2005), é de imensurável importância para o desenvolvimento dos aprendizes ao longo da vida, realizar atividades nas bibliotecas de forma dinâmica, com política de *marketing*, com a promoção de exposições, de feiras de livros, de campanhas de leitura e capacitação em informação. Assim, esta pesquisa foi realizada com o objetivo de verificar se bibliotecas escolares atendiam as propostas da Lei nº. 12. 244/2010 e as diretrizes da Unesco/Ifla (2005), referente ao acervo, à organização, ao pessoal para atendimento de atividade à comunidade estudantil.

1.1 Biblioteca Escolar

As bibliotecas escolares são muito variadas, elas vão desde simplesmente uma coleção de livros sem espaço próprio até salas com aparato tecnológico diversificado e com profissional qualificado. Conforme, a Lei 12. 244/2010, Art. 2º “Para os fins desta Lei, considera-se biblioteca escolar a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura” (BRASIL, 2010).

De acordo com García-Quismondo e CuevasCerveró (2007, p. 57), biblioteca escolar tradicional se resume num “lugar aislado de ladinámica escolar, destinada a organizar y conservar libros y conun uso limitado”, mas para estes autores, as bibliotecas escolares do século XXI precisam ultrapassar este formato tradicional e ir além da conservação de seus acervos.

Assim sendo, ao elaborar os parâmetros para as bibliotecas escolares, Campello et al (2010, p. 8) estabelecem os padrões mínimos para orientar as escolas que desejem “criar sua biblioteca ou reformular espaços que ali já existem, mas que não podem ser considerados como biblioteca”. Por estes parâmetros, em conformidade com a Unesco/Ifla (2005), os autores sugerem metas como: espaço físico suficiente para o acervo; espaços para atividades dos usuários e para os serviços técnico-administrativos; materiais informacionais variados, que possam atender aos interesses e às necessidades dos utentes; acervo organizado conforme as normas bibliográficas padronizadas; acesso à internet; ser administrada por pessoa qualificada (bibliotecário) apoiada por equipe

adequada em quantidade e qualificação para fornecer serviços à comunidade escolar, isto é, funcionar como espaço de aprendizagem; (CAMPELLO *et al*, 2010, p. 9).

Para estes autores, a má condição destes espaços contribui para o distanciamento do público. É importante lembrar também que os diversos livros didáticos indicados nos cursos de licenciatura, dificilmente fazem referência à biblioteca como recurso de ensino e de aprendizagem, desfavorecendo, assim, o contato dos/as discentes com a biblioteca, até mesmo como leitoras e leitores. Silva (2010) afirma que tanto nos cursos de licenciaturas quanto nos de formação continuada inexistem a preparação para o trabalho com a biblioteca. Com certeza, um dos desafios das instituições de ensino superior, principalmente das licenciaturas, está na inovação das bibliotecas escolares, de bibliotecários além de preservar os arquivos, ensinar a usá-los. Assim sendo, eles estarão formando leitores e leitoras. Para Jacob (2006), a verdadeira inovação da biblioteca não se encontra nos recursos de multimídia, mas, nas profundas modificações das normas de interação entre o leitor ou a leitora e a biblioteca.

Se não há preparação durante a formação inicial, possivelmente, não haverá preocupação dos licenciandos ao se tornarem gestores escolares em oferecer local adequado, por não vivenciarem a biblioteca no decorrer da sua vida estudantil nos diferentes níveis. Se a leitura literária não fez parte do cotidiano deles, conseqüentemente haverá desvalorização, até mesmo abandono ou má utilização das bibliotecas ou das salas de leitura porque para eles foi um espaço invisível.

Assim sendo, grande parte das bibliotecas escolares brasileiras existe apenas para efeitos estatísticos e em péssimas condições, “às vezes, a ‘biblioteca’ é um armário trancado, situado numa sala de aula, ao quais os alunos só têm acesso se algum professor se dispõe a abri-lo quando a chave é localizada. Outras vezes, a biblioteca, razoavelmente instalada, funciona em horários breves e irregulares” (SILVA, 2003, p. 15).

Segundo Milanesi (2002) e Silva (2003), as bibliotecas escolares brasileiras, de forma geral, são despreparadas para desenvolver seu papel educacional e cultural. Estes são, com certeza, alguns dos motivos que afastam os alunos e as alunas das bibliotecas e, por conseqüência, da leitura.

De acordo com Soares (2011), a biblioteca escolariza a literatura por meio de diferentes estratégias: o local, a organização do espaço e do tempo de acesso aos livros, a seleção dos livros, e também a socialização da leitura, quem orienta e/ou indica um livro para a leitura precisa ser uma pessoa que desempenhe o papel de mediador.

As pessoas que trabalham em biblioteca deveriam ter paixão pelos livros que levassem os alunos e as alunas a romper barreiras, levá-los a descortinar o mundo por meio da leitura. Para Barreto (2008), as pessoas que trabalham na biblioteca devem ser leitoras vorazes e apaixonadas por livros. Somente quem realmente gosta de ler consegue incentivar a leitura no ambiente escolar. Deve ainda ser uma pessoa criativa e gostar do contato com o público. E quem lê pouco, incentiva pouco ou não incentiva a leitura. É importante transmitir o entusiasmo e a paixão pela leitura, primeira referência para os discentes se sentirem seduzidos pelo texto e se entreguem à criação. Cada experiência literária passa a funcionar como repertório particular de conhecimento. A biblioteca precisa ser um lugar acolhedor, prazeroso,

e as pessoas envolvidas com esse trabalho, pela mesma forma, precisam ter paixão pelos livros e passar paixão de ler a leitoras e a leitores. Pessoas que não gostam de ler jamais deveriam trabalhar numa biblioteca. Para os literatos, quem não gosta de ler não passa paixão pelos livros, não conquista leitores e não intervém em decisões políticas (CHAGAS, 2010, p. 129).

As bibliotecas têm enorme significado, principalmente na vida das crianças quando mesmo antes de aprender a ler, elas são incentivadas a frequentarem bibliotecas, contudo com raras exceções, as bibliotecas das escolas por onde elas passam, os livros continuam enfileirados numa sala de muita ordem e pouco convidativa, “sob ecos do Psiu!!!!, do Silêncio!!!!!”(CHAGAS, 2010, p.228).

Silveira e Ribas (2004, p.9), organizadores da obra *A Paixão pelos Livros* escrevem que “A biblioteca é uma espécie de harém, nas palavras de Emerson, ou a própria imagem do paraíso, na opinião de Borges”. Neste livro, autores nacionais e internacionais, como por exemplo, Carlos Drummond de Andrade partilham momentos de felicidade proporcionados pelos livros e como estes foram importantes ao longo de suas vidas. “Se hoje o mundo nos mostra mais incertezas que esperanças, não será a paixão pelos livros uma forma de reafirmar os valores do homem que jamais serão abalados pela política e pela guerra? [...] Queremos contagiar o maior número possível de pessoas” (SILVEIRA; RIBAS, 2004,p.10). A paixão literária é importante na transformação cotidiana das pessoas comuns. De acordo com Eco (1994), é dever da escola, das entidades municipais prepararem os estudantes para o uso da biblioteca.

É preciso ensinar aos jovens como se usa a biblioteca, como se usa um visor para microfichas, como se usa um catálogo, como se discute com os responsáveis pela biblioteca se não cumprem o seu dever, como se colabora com os responsáveis pela biblioteca. [...] da maneira de consultar o livro (ECO, 1994, p.24).

A possibilidade de novas descobertas ocorre quando os alunos procuram pelos livros nas estantes. Assim, além dos livros indicados pelos professores em sala de aula, eles poderão descobrir um mundo de possibilidades de leitura.

Orientar os alunos para o uso da biblioteca e dos recursos informacionais constituem um dos objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do ensino fundamental que é “saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos” (BRASIL, 1997, p.108). Conforme Barreto (2008), os PCN propõem que a escola tenha material didático diversificado, e a biblioteca sendo local por excelência para reunião e compartilhamento desses materiais, precisa estar comprometida com metodologias de aprendizagem inovadoras.

Preparar os alunos desde as séries iniciais, da educação infantil a localizar os livros na biblioteca e sua posição nas prateleiras, leva-os a se familiarizarem com o espaço da biblioteca e a se envolverem mais profundamente com os livros, principalmente por meio da escuta de história. Para envolver crianças e jovens, requer que “a biblioteca seja equipada, para atender a várias habilidades, níveis de maturidade e interesses pessoais diversificados” (KUHLTHAU, 2006, p. 184).

Atividades de contação de história, de discussão, junto com outras como “levar livros emprestados, fazem da biblioteca um local alegre. As crianças descobrem que a biblioteca é um lugar de troca de ideias e sentimentos sobre o que é visto e ouvido e também um espaço para escutar histórias e ler tranquilamente” (KUHLTHAU, 2006, p.57). Desta forma, os discentes constroem a base para usar a biblioteca de forma independente ao cursar o ensino médio. Atividades de uso da biblioteca escolar devem constar do projeto pedagógico da escola, o que requer planejamento conjunto numa integração do programa da biblioteca com as atividades de sala de aula. Além disso, as pessoas que trabalham na biblioteca escolar são educadoras e deve realizar trabalho conjunto com os professores

mostrando tendências de pesquisa, de leitura e ainda divulgando os materiais e livros [...] apresentar as novidades da biblioteca à comunidade escolar, a fim de que sejam realizadas novas práticas no espaço. Por isso, ele é uma presença imprescindível no conselho de classe e na elaboração do projeto político-pedagógico da escola (BARRETO, 2008).

Chartier (2010) escreve sobre a importância de os estudantes conviverem com livros dentro e fora da escola. Para ele, é fundamental que estudantes encontrem livros na escola, visto que muitas vezes, eles não têm as mesmas oportunidades de acesso aos objetivos de conhecimento que fazem parte do repertório escolar, por razões culturais

e/ou econômica. Assim sendo, é essencial que a escola contribua para a presença do livro fora dela. O ideal é que as crianças, os/as jovens, ao saírem da escola transfiram para suas casas a presença livresca da escola. Chartier (2010) sugere que estudantes levem, por exemplo, cinco livros agradáveis de ler, da escola para casa:

Um livro de poesia, um romance, um de contos, um de tradução de livro estrangeiro, em uma forma abreviada, se uma obra imensa, ou um livro, que era muito original, que era uma obra teatral. [...] É um exemplo do livro recebido dentro da escola, mas projetado para fora dela.

Para este autor, o livro é osímbolo de todos os poderes, com imensa possibilidade para a descoberta de novo conhecimento.

2 Metodologia

Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa realizada em 2015. Segundo Lüdke e André (1986), este tipo de pesquisa envolve contato direto de pesquisadores com a situação estudada. Para a realização do estudo de caso houve levantamento bibliográfico, análise de documentos, entrevistas, observação, “Os estudos de caso enfatizam a interpretação em contexto” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 19). Os sujeitos das pesquisas foram pessoas que trabalhavam nos espaços denominados *bibliotecas escolares* de quatro escolas de uma cidade do Estado de Goiás, região Central do Brasil.

Nestas escolas, situadas em bairros periféricos, houve a relocação de alunos e de funcionários. A relocação nestes estabelecimentos de ensino, conforme Chagas (2016, p. 675) ocorreu da seguinte maneira: seis instituições atendiam da Educação Infantil (EI) ao Ensino Fundamental (EF II) e uma delas atendia a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e passaram a atender apenas do 1º ao 5º ano do EF e EI. Uma das escolas, a denominada RU, teve suas portas fechadas no final de 2015.

O fechamento da escola dos bairros faz parte do plano de precarização dos serviços públicos do estado. De acordo com Ravitch (2011), escolas não deveriam ser fechadas, para ela

Escolas de bairro muitas vezes são a âncora de suas comunidades, uma presença constante que ajuda a cimentar os laços de comunidade entre vizinhos. [...] Seus egressos retornam e querem ver suas antigas salas de aula; as velhas fotografias, ouvir os ecos no ginásio e caminhar nos pátios de recreio. Fechar essas escolas não serve a outro propósito que destruir essas memórias, segregar o prédio da cultura de seu bairro e erodir um senso de comunidade que estava há décadas sendo construído. Fechar uma escola deveria ser apenas o último recurso e uma admissão de fracasso. (RAVITCH, 2011, p.253).

As informações sobre o funcionamento dos espaços chamados de biblioteca foram colhidas por meio de observações e de entrevistas com questões abertas permitindo obter dados sobre o cotidiano das entrevistadas e suas práticas, momento em que foi assinado o termo de consentimento livre e esclarecido. Foram feitas perguntas sobre a organização arquitetônica, sobre os acervos, as condições dos espaços de leitura, do tombamento (registro, classificação, catalogação do acervo e informatização do catálogo). Serviços e atividades oferecidas como: consulta local, empréstimo domiciliar, atividades de incentivo à leitura, orientação individual à pesquisa pelos livros e pela internet, hora de conto e exposições, e sobre o quadro de pessoal com nível de formação, carga horária, cursos de capacitação. Também foram fotografados os referidos espaços. As escolas foram denominadas respectivamente por, FD, FV, FI, JJ, RU e TA. Os resultados foram analisados conforme as diretrizes da Unesco/Ifla (2005).

3 Resultados

Durante as observações e as entrevistas, foi possível verificar as condições estruturais das bibliotecas escolares quanto ao espaço físico, ao acervo, ao mobiliário disponível e às atividades realizadas nelas. Em duas escolas VF e RU não havia biblioteca nem salas de leitura, nelas funcionavam o cantinho da leitura nas salas de aula.

As quatro responsáveis pelas *bibliotecas* eram do sexo feminino, em desvios de função por motivo relacionado à doença, sem formação específica para atuar neste espaço. De acordo com Chagas (2016, p.675), elas eram professoras efetivas, respectivamente graduadas em Letras, Pedagogia e Geografia, com exceção de uma delas, cujo cargo era de Serviços Gerais e cursava Pedagogia. Além desse recinto, ela realizava outras atividades que necessário fosse como aplicar tarefas aos alunos, auxiliar os discentes com maiores dificuldades em algum conteúdo.

Quanto ao tamanho das salas de leitura, a maior delas tinha uma área de 63m², com iluminação insuficiente, pouco arejada, pequenas para comportar turmas de até trinta alunos, confirmando os escritos de Barreto (2008), “não raras vezes a biblioteca fica num canto escondido da escola. Um local pouco arejado, úmido, mal-iluminado, desconfortável e apertado. [...] Nesse sentido, a biblioteca em si não passa de um depósito de livros”.

Os empréstimos eram realizados, na maioria das vezes, para alunos do 6º ao 9º anos que menos frequentavam o local. O ambiente pouco convidativo, paredes sem

decoreção nem avisos de incentivo à leitura, especialmente para crianças, pouco atrativa para alunos de baixa renda e de família de poucos leitores e para comunidade escolar, conforme figura 1.



Figura 1:Parte interna da Bibliotecada escola FD
Fonte: foto da pesquisadora momento da entrevista

Pelo formato, os espaços aparentavam lugar adaptado de sala de aula, não um local construído para ser uma biblioteca. Conforme entrevista com a responsável pelo local, as caixas de livros do 1º ao 5º ano que vinham do Ministério da Educação (MEC) ficavam nas salas de aula para *leitura de leite*. Empréstimo de livros ocorria do 5º ao 9º ano e não havia projetos de leitura sendo executado.

Nesta escola, fechava-se a biblioteca durante o intervalo para atendimento de outras atividades. O funcionamento da *biblioteca* cumpria o horário das escolas, matutino, vespertino e noturno, mas em duas delas, na escola TA (Figura 2) e na JJ,abriam-se somente no período vespertino.

Quanto à quantidade do acervo, entre livros diversificados, pedagógicos, literários e enciclopédias, nenhuma delas dispunha da quantidade mínima sugerida pela Unesco/Ela, de 2.500 itens, nem estavam organizados conforme as normas bibliográficas padronizadas. Não havia verbas para compras de livros, esporadicamente uma ou outra escola adquiria alguma obra de conteúdos pedagógicos, como por exemplo, a Escola JJ comprou livros de Língua Brasileira de Sinais (Libras).



Figura 2: Biblioteca da Escola TA

Fonte: foto da pesquisadora momento da entrevista

Havia nas escolas, segundo Chagas (2016, p.677), a prática da *leitura deleite*, isto é, todos os professores nos quinze primeiros minutos da primeira aula realizavam leitura para os alunos das séries iniciais. O professor ou professora narrador/a era a única pessoa que tinha contato com o livro. Percebeu-se que a *leitura deleite*, no ensino fundamental, principalmente do 6º ao 9º ano, sem cobrança, para estimular, aguçar debates, de ler por prazer, era pouco proposto pelas pessoas que ocupavam a função de mediadoras da leitura nos espaços chamados *biblioteca*. Não havia, no entanto, projeto que impulsionasse a comunidade escolar a frequentar o espaço. Confundiam-se projetos de leitura com atividades de leitura. Verificou-se que não se ensinava como usar os livros da biblioteca, como procurá-los nas prateleiras desde pequenino, para que as crianças entendessem a organização dos livros e a prática de pesquisas. Sendo que uma das funções mais importantes de quem trabalha em biblioteca da Educação Básica está em orientar a pesquisa escolar.

Na *biblioteca* da escola FI (Figura 3), a servidora trabalhava ali há três anos, e relatou que as atividades de leitura eram trabalhadas da seguinte forma: os alunos do 1º ao 5º ano que tinham dificuldade de aprendizado ficavam na sala de aula para reforço e os demais iam para a biblioteca, ou vice-versa, quando eles liam poemas, contos ou fábulas conforme sugestão e solicitação das professoras. Nesta *biblioteca* havia dezessete estantes com livros, sendo: oito estantes de livros didáticos do professor (lado esquerdo da figura 3) desinteressantes para alunos, três de livros didáticos para alunos, quatro estantes de livros infantis e duas de infanto-juvenis.



Figura 3. Acervo da Bibliotecada escola FI
Fonte: foto da pesquisadora momento da entrevista

A maioria dos livros infantis e infanto-juvenis, aproximados seiscentos livros desta *biblioteca*, foi adquirido por meio de gincana. Apenas a Escola FI tinha desde sua construção, um espaço destinado à biblioteca ou sala de leitura.

Além desse espaço, havia nas salas de aula o cantinho da leitura. Durante a matrícula, a secretaria da escola solicitava dos pais, a possibilidade de comprar um livro literário que no final do ano, passava, em forma de doação, ao acervo deste cantinho. Em 2015, não houve projeto de leitura desenvolvido nesta instituição escolar.

Na escola JJ verificou um projeto intitulado: *A biblioteca dinâmica: resgatando o gosto pela leitura e a escrita*. Nele constava que as atividades, na biblioteca para os alunos, eram trabalhadas conforme propostas vindas da Secretaria Municipal da Educação, com horários de cinquenta minutos para cada turma, uma vez por semana. Os empréstimos de livros ocorriam apenas nas aulas de Língua Portuguesa, as pesquisas também obedeciam a um cronograma de atendimento.

Em todos os espaços de leitura, quanto aos móveis, havia mesas e cadeiras, porém não adequados ao público mirim. Os livros estavam organizados em estantes, a grande maioria deles tratava-se de livros didáticos para alunos recebidos pelo Programa Nacional de Livros Didáticos (PNLD). Assim, contradizendo as propostas de uma biblioteca para a razão e emoção. Para Chagas (2010) razão e emoção se fazem, principalmente na biblioteca, por meio da leitura/literatura que é uma atividade artística, multiforme, inconfundível; exprime alegria e angústia, certezas e incertezas do ser humano. O que

ocorre é o destaque do livro didático nas prateleiras das bibliotecas escolares como se vê pela figura 4.

A biblioteca escolar, conforme as diretrizes da Unesco (2005, p.4), “habilita os alunos para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve sua imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis”. Esses dizeres vão ao encontro do que propõe Bachelard (2006; 2008). Segundo este autor, para a formação humana é preciso trabalhar a razão e a emoção. Assim, a biblioteca deve ser o centro da escola para aguçar a imaginação dos discentes para o mundo fascinante do livro, da leitura. Para tanto, a leitura que abriga a emoção e a fantasia precisa ser prioritária na escola. Entretanto, a vertente poética, fundamental para a formação do educando, tem ficado em segundo plano; tem-se privilegiado a vertente científica. Bachelard propõe razão e emoção, pois o processo de formação humana se completa com a dimensão devaneante e com a dimensão científica, mas enfatiza-se a razão e corpo em detrimento da imaginação, se transformada num espaço onde se equilibram emoção e razão, equilibram-se o espírito científico e o poético.

O acervo de obras literárias ou enciclopédias que chegava a todas as bibliotecas não era *classificado*² nem *catalogado*³, era apenas registrado manualmente.



Figura 4. Acervo da Bibliotecada escola JJ, a maioria livros didáticos
Fonte: foto da pesquisadora momento da entrevista

2 a mais utilizada é a Classificação Decimal de Dewey – CDD, usada nas bibliotecas para organização dos materiais, dos documentos por assunto.

3 Catálogo de biblioteca consta de lista de livros existentes na biblioteca. Podendo ser um conjunto de fichas catalográficas ou uma base de dados de computador com informações sobre o autor e o título da obra.

Pelos Dados do Censo Escolar 2013, (BRASIL, 2013, p.25), “75,7% dos alunos do ensino fundamental da rede pública estão em escolas que possuem biblioteca ou sala de leitura”, porém, como puderam ser verificados, os espaços denominados *bibliotecas* continuavam como as apresentadas pelos estudiosos do assunto, Milanesi (2002) e Silva (2003), com inúmeras fragilidades relativas aos recursos, ao pessoal, aos programas e à promoção de atividades.

Ainda, de acordo com o Censo 2013, a política de educação especial adotada pelo MEC estabelece que a “educação inclusiva seja prioridade”, mas não havia nas bibliotecas escolares material numa perspectiva de integração de pessoas com deficiências. Para Ribeiro e Leite (2002), pensar nesta perspectiva deve-se considerar que as bibliotecas escolares adotem formas de organização e de funcionamento, que facilitam a frequência, a circulação dos alunos com deficiência visual, auditiva, motora, mental.

Conforme esses autores, para a “biblioinclusão” das pessoas com deficiências, fazem-se necessário que as bibliotecas realizem intercâmbio entre as diferentes bibliotecas, entre escolas de educação especial para a troca de recursos informativos e documentais. É também importante contar com suportes tecnológicos, para adaptação de material a atendimento das diferentes necessidades dos leitores com deficiências, como equipamentos adaptados à diversidade para que os discentes possam ler. Deveria ainda proporcionar atendimento de serviço domiciliar, quando a deficiência impossibilitasse o aluno de ir até a biblioteca. As bibliotecas pesquisadas não contavam com serviços info-inclusivos. A biblioteca da escola JJ (Figura 4) não proporcionava mobilidade e acessibilidade, pois ela estava localizada no primeiro andar do prédio, não havia rampa nem elevador, apenas escadas para se ter acesso a ela. Para Eco, a biblioteca deva ser aberta a toda comunidade, e que:

O edifício onde está situada a biblioteca deve ser central, de fácil acesso mesmo para os inválidos e estar aberto a horas viáveis para toda a gente. Tanto o edifício em si como o seu mobiliário devem ser de aspecto agradável, confortáveis e acolhedores; e é essencial que os leitores possam ter acesso direto às estantes (ECO, 1994, p.27)

A biblioteca escolar ainda não conseguiu se comunicar com as pessoas com deficiências. Segundo Patte (2000), citado por Oliveira (2010), as bibliotecas ainda seguem rotinas pré-concebidas, técnicas de arquivo, ainda não conseguiram se adequar a mudanças conceituais e sociais, inovaram muito pouco, têm dado mais ênfase na organização burocrática e materialista do que na relevância cultural para a comunidade

escolar e social. Ainda não conseguiram integração da internet ao acervo, com a seleção de *sites* de qualidade. O maior desafio está em sanar os problemas que são

invariavelmente, a falta de investimentos, o acervo desatualizado, o espaço físico inadequado e a carência de computadores.[...] A dimensão pedagógica da biblioteca também é muito pouco problematizada nesses estudos. Na maior parte das vezes, apenas se identifica o fato de a biblioteca funcionar como local de castigo ou ser conduzida por professores afastados da sala de aula por motivos médicos. (CAMPELLO *et al*, 2013, p. 133).

A função de uma biblioteca vai além do empréstimo e da devolução de livros, pois ela deveria aguçar a prática da leitura e também ensinar a lidar com o universo informacional. Deste modo, não tem se constituído num espaço significativo e dinâmico do sistema educacional.

4 Considerações finais

O acesso aos livros é fundamental na idade escolar no desenvolvimento das habilidades de leitura e da formação de leitores e de leituras. Assim sendo, é preciso fazer com que as bibliotecas escolares ou salas de leitura tenham infraestrutura adequada, divulgação da importância da biblioteca e da existência de um responsável atualizado para esta função. Urge tornar-se num espaço organizado para crianças e jovens, ter atendimento e acervo de qualidade, para que se torne um lugar interessante, estimulante para os estudantes e familiares com deficiência ou não.

Pela pesquisa, constatou-se que a problemática da biblioteca escolar continua como nas últimas décadas do século passado, espaço insuficiente e inadequado, locais onde se guardam os livros didáticos distribuídos pelo Governo Federal. Com acervo insuficiente e desatualizado, com funcionárias em desvio de função, sem formação específica, permanecendo o silêncio consentido, pouco funcional para o ensino e a aprendizagem, portanto, não devem ser chamados de biblioteca e nem de sala de leitura. É importante lembrar que tanto a biblioteca como a sala de leitura não são depósitos de livros.

Não houve inovação nas instituições escolares que foram estudadas após a lei 12.244/2010 da universalização das bibliotecas, inclusive os responsáveis por esses espaços desconheciam a referida lei. Também não havia políticas públicas efetivas de incentivo à leitura nem de capacitação de profissionais, encontram-se ainda distante das diretrizes da Unesco/Ifla (2010) e dos parâmetros propostos por Campello *et al* (2010).

Desta forma, ficam ofuscados os campos político, social, pedagógico e científico na trajetória das quatro *bibliotecas escolares*.

Na forma como estavam organizadas, os espaços denominados *bibliotecas* são dispensáveis para o processo educacional. É um enorme desafio fazer com que elas sejam próximas dos alunos e das alunas e disseminadoras do conhecimento, porém não é impossível, pois há experiências muito bem sucedidas no Brasil.

Para mudar esta realidade, é fundamental envolver a comunidade em projetos de leituras, junto aos órgãos municipais e estaduais em busca de apoio, é essencial conciliar material de qualidade, acervo e recursos informacionais e tecnológicos, profissionais capacitados com programação de atividades e de serviços planejados para atuar no contexto escolar além de boas condições de trabalho. A ausência destes tem provocado e provocará a invisibilidade da biblioteca escolar, e não cumpre sua função de mediadora de leitura.

Por fim, a escola de Educação Básica tem sido um espaço contraditório, por um lado tem um discurso sobre a importância da leitura, por outro, as bibliotecas escolares são apáticas, insipientes no desenvolvimento de atividades de leitura, aguçando muito pouco o gosto pela leitura, pela criatividade e pela criticidade.

Na maioria das vezes, a desintegração do trabalho dos profissionais da educação com a biblioteca está no despreparo da formação numa perspectiva interdisciplinar, na carga excessiva da jornada, nas péssimas condições de trabalho, além da multiplicidade de atribuições. Desta forma, urge discutir as políticas públicas de leitura e também da formação docente interagindo com a biblioteca.

Referências

BACHELARD, G. **A terra e os devaneios da vontade**: Ensaio sobre a imaginação das forças: Trad. Maria Ermantina de A. P. Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. 2. ed. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BARRETO, C. C. Biblioteca escolar: ranços e avanços. In: I ENCONTRO REGIONAL DE BIBLIOTECAS. PROMOVENDO O PRAZER DE LER O MUNDO, 1. 2008, Araruama - RJ. **Anais**. Aruama-RJ, 2008, Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0190.html>>. Acesso em: 10. out.2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Censo Escolar 2013**. Brasília, DF, INEP, 2013. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/resumo_tecnico_censo_educacao_basica_2013.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei 12.244 de 24 de maio de 2010**. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112244.htm>. Acesso em: 20 fev. 2016.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997, 126p. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

CAMPELLO, B. S; *et al.* Pesquisas sobre biblioteca escolar no Brasil: o estado da arte **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 18, n. 37, p. 123-156, mai./ago., 2013. ISSN 1518-2924. DOI: 10.5007/1518-2924.2013v18n37p123. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2013v18n37p123/25335>>. Acesso em: 10. out. 2016.

CAMPELLO, B. S; *et al.* **Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: Parâmetros para bibliotecas escolares**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CAMPELLO, B. S; *et al.* Literatura em biblioteca escolar: características de citações de teses e dissertações brasileiras. **Transinformação**, Campinas, v. 19, n. 3, p. 227-236, set./dez. 2007.

CASTRILLÓN, S. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

CHAGAS, F.A.O. **A invisibilidade das bibliotecas escolares**. In: INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO, 5º CIAIQ. 2016, Porto. **Atas CIAIQ 2016**, Porto (Portugal): 2016, v.1, p. 672-680. Disponível em: <[file:///C:/Users/Personal/Downloads/656-2595-2-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Personal/Downloads/656-2595-2-PB%20(2).pdf)>. Acesso em ago. 2016.

CHAGAS, F.A.O. **A idade do livro e o silêncio da biblioteca**. 2010. 252f. Tese (Doutorado em Educação) - Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Goiás, 2010.

CHARTIER, R. **Entrevista**. Trad. Maria do Carmo Cardoso da Costa. 2010. Disponível: <<http://aeducacaomoveomundo.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 30. mar. 2016.

UNESCO/IFLA. **Diretrizes da Unesco para a Biblioteca Escolar**. 2005. Disponível em: http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt_br.pdf. Acesso em: 29 fev. 2016.

ECO, H. **A Biblioteca**. Trad. de Maria Luísa Rodrigues de Freitas. Lisboa: Difel, 1994.

FEITOSA, M. S. A. **Prática docente e leitura de textos literários no fundamental: uma incursão pelo programa hora da leitura**. 2008. 224f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP Brasil, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GARCÍA-QUISMONDO, M., CUEVAS-CERVERÓ, A. Biblioteca Escolar para La sociedad del conocimiento em España. **Ciência Da Informação**. Brasília, v. 36, n. 1, p.54-68, abr. 2007. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010019652007000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 fev.2016.

JACOB, C. Ler para escrever: navegações alexandrinas. In: BARATIN, M.; JACOB, C. (Dir). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente**. Trad. de Marcela Mortara, 2.ed.Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006, p 45-73.

KUHLTHAU, C.C. **Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental**. 2. ed. Trad. Bernardete Campello et. al, Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

LÜDKE, M. S.; ANDRÉ, M. E.D.A. **Pesquisa em educação: bordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MILANESI, L. **Biblioteca**. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

NEVES, I. C. B. **Pesquisa escolar nas séries iniciais do ensino fundamental: bases para um desempenho interativo entre sala de aula e biblioteca escolar**. 2000. 177 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

OLIVEIRA, A. J. A. **O papel da biblioteca escolar na promoção de competências de leitura em alunos com necessidades educativas especiais de carácter permanente**. 2010.255 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial: Domínio Cognitivo e Motor) – Instituto Politécnico de Castelo Branco, Escola Superior de Educação, Castelo Branco, Portugal, 2010.

RAVITCH, Diane. **Vida e Morte no Grande Sistema Escolar Americano: como os testes padronizados e o modelo de mercado ameaçam a educação**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

RIBEIRO, A.; LEITE, J. **Contributos para um conceito de Biblioteca Inclusiva**. In: 7º CONGRESSO DE BIBLIOTECÁRIOS ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 7. 2001, Porto, Portugal. **Actas**. Porto: 2001. p. 699-703. Disponível em: <<http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/700/699>>. Acesso em: 20. maio. 2016.

SILVA, E. T. **Leitura na escola e na biblioteca**. 11. ed. Campinas: Papyrus, 2010.

SILVA, W. C. de. **Miséria da biblioteca escolar**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção Questões da Nossa Época: v.45).

SILVEIRA, J.; RIBAS, M.A **Paixão pelos livros**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004.

SOARES, M. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (organizadoras). **Escolarização da leitura literária**. 2 ed., 3ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

Disponível em:

<http://www.aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php?file=%2F148554%2Fmod_resource%2Fcontent%2F1%2FA%20ESCOLARIZA%20C3%87%20C3%83O%20DA%20LITERATURA%20INFANTIL%20E%20JUVENIL%20completo.pdf>. Acesso em: 21. out. 2016.